



Os Universos de Chico Bento - Estereótipos, Elementos de Funcionamento Universal e Produção de Sentido Nestes Quadrinhos de Maurício de Souza¹

Chris Benjamim Natal²

Universidade Metodista de São Paulo – Umesp, e Faculdades Alves Faria – AlFa.

Resumo

Esta comunicação científica visa identificar elementos que venham a possibilitar uma análise do discurso inerente à imagem estereotipada do “caipira” expressa no personagem de história em quadrinhos Chico Bento, de Maurício de Souza, analisando seus elementos comparativamente a outros encontrados em outras revistas da mesma linha, com especial ênfase nos dados que imprimam credibilidade ao funcionamento do universo de personagens ao seu redor, tramas e acontecimentos típicos, em contraste com a realidade do homem do campo brasileiro de hoje. Visa-se, ainda, discutir a origem e o funcionamento desses elementos ficcionais nas histórias específicas, seus protagonistas, antagonistas e coadjuvantes, mensagens ideológicas, lógica usada na produção do sentido e aproximação/distanciamento da realidade contemporânea.

Palavras-chave

Histórias em Quadrinhos; Maurício de Souza; Chico Bento; Turma da Mônica; autor.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA NAS HQs INFANTIS BRASILEIRAS

³Já em 1867 a primeira História em Quadrinhos totalmente feita por um brasileiro: *As Cobranças*, de Ângelo Agostini, ilustrador e autor de origem italiana mas naturalizado brasileiro desde a infância. Em 1869 (apud Calazans, 1997, p. 5) inicia a série de personagens fixos *Nhô Quim* ou *Impressões de uma viagem à corte*, na revista *Vida Fluminense*. Já se tratava do estereótipo de um caipira. Em 1876, o artista lança sua própria publicação, a *Revista Illustrada*, onde escreveu suas histórias de maior sucesso, como um estereótipo de caipira chamado Zé Caipora, que posteriormente voltaria nas publicações *Dom Quixote*, em 1901, e na editora O Malho, em 1904. Esta, no ano seguinte, publicaria a revista *Tico-Tico*.

¹ Trabalho apresentado ao NP 16 – Histórias em Quadrinhos, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² <chrisbnatal@yahoo.com> Australiano, cidadão brasileiro. Doutorando, mestre e bacharel em Comunicação Social, sempre pela Umesp. Jornalista, criador de agências/veículos em diversas mídias, coordenador de cursos de comunicação, escritor, crítico, semiólogo, consultor de criação/reforma de cursos de graduação/pós, consultor de criação de departamentos de comunicação/marketing, educador, tradutor, psicanalista, publicitário e mercadologista. Subcoordenador do NP de Histórias em Quadrinhos da Intercom. Membro fundador do antigo GTHQ, em 1995.

³ Todo este item é baseado em Benjamim Natal, 2001, Anselmo, 1975, Calazans, 1997, Iannone & Iannone, 1994 e Moya, 1970, 1994.



Já em 1905 é lançada a revista *Tico-Tico*, que durou cinquenta e um anos, teve seu cabeçalho criado por Ângelo Agostini e lançou no país alguns dos mais conceituados personagens mundiais da época, como os da família Disney (como Mickey, Donald, etc.) e o Gato Félix, além de republicar o já citado *Buster Brown*, que por aqui tinha o nome de *Chiquinho* e, após ser cancelado nos EUA, foi produzido no Brasil por diversos autores. Em setembro de 1929 o jornal *A Gazeta de São Paulo* lançará com diversas interrupções posteriores e em diversos períodos, uma edição infantil que, de início, foi *A Gazetinha* e, em 1949, *A Gazeta Juvenil*. Roberto Marinho, algum tempo depois, lança o *Globo Juvenil* que publica histórias de *L'il Abner* (*Ferdinando*), *Brucutu*, *Zé Mulambo*, *Don Dixon*, etc.

Em 1939, a editora do Globo lança o *Gibi*. Em pouco tempo, teremos sob os auspícios de Roberto Marinho, o *Gibi Semanal*, o *Globo Juvenil* (desde 1937), o *Gibi Mensal* e o *Globo Juvenil Mensal*. É conveniente lembrar que o sentido original da palavra *gibi*, encontrado em qualquer dicionário da língua portuguesa, é garoto, moleque, negrinho; porém a palavra praticamente não mais é reconhecida com este sentido, já tendo se transformado em autêntico sinônimo brasileiro de revista em quadrinhos, dando-se assim a contribuição das organizações Globo e de seu presidente, Roberto Marinho, para o vocabulário nacional.

Em 1959 surge o *Pererê*, de Ziraldo, a primeira tomada de consciência reflexiva da realidade nacional na HQ, com um personagem do nosso folclore, de um autor que até hoje se destaca, criador de vários outros personagens de sucesso como o Menino Maluquinho.



Chico Bento é um dos mais populares personagens de Maurício de Souza

Maurício de Souza

No mesmo ano, surge em jornais uma tira de quadrinhos diária cujo personagem principal é um inocente cãozinho chamado Bidu, que ainda naquele ano ganha revista própria, e foi uma gênese para uma gama de personagens que hoje atinge centenas de criações. Trata-se da obra de Maurício de Sousa, sem dúvida quantitativamente o maior quadrinista



brasileiro de todos os tempos, cuja linha *Turma da Mônica* dominou o mercado de HQs infantis no país e ainda hoje é publicado no exterior, em várias línguas. Trata-se, neste caso, de fenômeno lembrando o mercado de artistas musicais e a própria televisão no Brasil, que concentra suas preferências em artistas nacionais, segundo nos esclarece Sandra Reimão (1997). Desta forma, ainda hoje, Maurício de Sousa vende no Brasil mais do que as publicações de Walt Disney (apud Calazans, 1998).

2. O MATERIAL DE ANÁLISE

Para efeito de análise de discurso mais específica, e para que houvesse um material físico sobre o qual se pudesse debruçar para obter elementos de descrição diagnóstica, recolheu-se seis exemplares das revistas em quadrinhos protagonizadas pelo personagem Chico Bento. Para uma questão de representatividade (ver item seguinte), uma vez que há revistas mensais e almanaques bimestrais, determinou-se o dobro de revistas do que de almanaques.

Desta forma, foram analisados (e estão devidamente indicados no capítulo de referências bibliográficas) as seguintes revistas, todas publicadas em São Paulo em conjunto pela Editora Globo e a Maurício de Souza Editora:

1- ALMANAQUE DO CHICO BENTO n° 58, de agosto de 2000, e n° 82, de agosto de 2004;

2- revista CHICO BENTO n° 430, de novembro de 2003, n° 438, de julho de 2004, n° 445, de fevereiro de 2005 e n° 445, de março de 2005.

Para que houvesse um corte claro na amostragem, foram consideradas, em maior atenção, somente as capas, a primeira e a última histórias de cada edição, por serem estas, obrigatoriamente, protagonizadas pelo personagem-título da revista, de forma a melhor focalizar a observação.

3. ESTRUTURA FÍSICA DOS GIBIS DE CHICO BENTO

São cinco gibis mensais (um a cada cinco dias,



Capa de um dos gibis analisados, o Almanaque n°82, de agosto/2004



Série de cartões telefônicos utiliza personagens da Turma da Mônica



aproximadamente), todos totalmente em cores, com 68 páginas a preço atual de R\$ 2,90 cada, no chamado “formatinho” (cerca de 13,5 por 19 cm, ou seja, área aproximada de 256,5 cm²), com páginas grampeadas; e outros cinco almanaques bimestrais (um a cada dez dias, aproximadamente), com 84 páginas a preço atual de R\$ 3,50. O preço – um pouco – menor por página se justifica por não serem histórias inéditas, e que porquanto não possuem preço de produção, somente de edição e impressão. A maioria não circula com páginas numeradas, mas eventualmente isso ocorre.

4. A VIDA NOS UNIVERSOS DE MAURÍCIO

Conforme já registrado anteriormente (Benjamim Natal, 2001), as histórias em quadrinhos são um fenômeno típico da indústria cultural, no sentido que o quer Walter Benjamin (1980): tecnicamente reproduzidas em linha de montagem. Ainda que seu conteúdo possa até ser mais autoral, ou seja, definido pelo autor com padrões e critérios artísticos – embora geralmente assim não o seja, obedecendo aos desejos do mercado – ainda assim os gibis serão impressos às dezenas de milhares, como no caso do Brasil, ou até em vários milhões por exemplar, como os mangás japoneses (Luyten, 2000). No difícil mercado de histórias em quadrinhos nacionais, Maurício de Souza pode ser citado como único exemplo que obteve sucesso na ótica capitalista/industrial, ou seja, que rende lucros em monta⁴. Seus quadrinhos vendem mais no Brasil do que os Disney, ininterruptamente, desde os anos 1970. A lógica fordista, no entanto, em muito pouco se suavizou desde então, já que as histórias, produzidas por muitos desenhistas, roteiristas, coloristas, letristas, etc, continuam a ser creditadas unicamente a Maurício, o que atualmente não ocorre nem mais com a Disney, cuja produção publicada no Brasil é totalmente creditada desde o começo deste terceiro milênio, e até festejada, com álbuns de luxo homenageando os grandes mestres criadores pós Walt Disney. Nas revistas às quais se pôde avaliar no decorrer desta pesquisa, conforme se poderá ver mais adiante, foi verificado que os assim chamados almanaques são uma mera republicação de material já antigo, fazendo assim com que os estúdios economizem em capital intelectual (produção). Ainda assim, por termos um mercado brasileiro muito limitado, artistas brasileiros iniciantes se digladiam pela oportunidade de trabalhar na Maurício de Souza Editora, que desde a última década é parceira comercial da Editora Globo nos

⁴ Tal comentário vale somente para a atualidade, ou se levado em consideração seu longo prazo, uma vez que, no passado, podemos encontrar outros exemplos comparáveis embora não tão duráveis, como a Turma do Pererê, de Ziraldo.



gibis de Maurício, e nos Estúdios Maurício de Souza, também responsáveis pela produção de diversos outros materiais, tais como desenhos animados, websites, livros ilustrados e material-base para o farto licenciamento dos personagens, que hoje movimentam milhões de reais ao emprestar sua grife a vários produtos, de alimentos a cadernos escolares, passando por dezenas de outros. Não se pretende aqui, no entanto, fazer qualquer juízo de valor acerca da qualidade de tais histórias, apenas relatá-las para possibilitar nossa maior reflexão.

Maurício se difere de seu principal concorrente no mercado brasileiro, os gibis infantis Disney, principalmente, por não se enquadrar no gênero *funny animals* (melhor definidos por Vergueiro, em 2002, p.11), ou seja, não são antropomorfizações de animais⁵, e sim crianças estilizadas (cartunizadas), embora o estilo tenha ficado mais realista ao longo do tempo, especialmente quando os artistas se dispõem a fazer fundos menos minimalistas, como tipicamente o são nas histórias.

Em todas as turmas de Maurício podemos encontrar fortes exemplos de metalinguagem. Por exemplo: os artistas são retratados, com frequência, ilustrando as próprias histórias e, por vezes, dentro da trama, os personagens “pulam das pranchetas” dos desenhistas e interagem com eles. Estas tramas se encontram em histórias isoladas – ou seja, que não integram tramas elaboradas e/ou relacionadas a outras – e também em tiras publicadas em jornais. Não há grande preocupação com a caracterização exagerada, o que pode até mesmo se integrar às *gags* de comédia de situação das histórias. Desta forma, para citar um exemplo, não há qualquer problema com o fato de que alguns personagens sempre andam descalços e não têm dedos do pé, enquanto outros, como Cebolinha, os têm (o que somente vemos ocasionalmente, quando os mesmos tiram os sapatos). E os personagens não ignoram estas características, ao contrário do que se possa pensar, para não causar conflitos de roteiro. Na verdade, as exploram, transformando-as em fios condutores paralelos.

Nas HQs Maurício, não há grande preocupação com a realidade. Melhor dizendo: a “realidade” deve se dobrar à fluência das tramas, o que se radicalizou ao longo do tempo; anteriormente, tais características eram meros suportes à narrativa, mas atualmente são dogmas de cada personagem, e praticamente lhes conferem superpoderes, tendência que se observa quase que unicamente na turma principal dos gibis e em alguns coadjuvantes. Assim, vejamos alguns exemplos: o cabelo de Cebolinha, que

⁵ Com exceção dos personagens das turmas da Mata e Horácio.



inicialmente era uma simples representação cartunesca, hoje é radicalizado como a coisa em si: são cinco fios indefectíveis, tão espetados que podem furar uma bola de futebol; Mônica é mais forte do que um super-herói; Magali consegue comer toneladas de comida sem engordar, e a uma velocidade super-sônica; Cascão sobrevive sem ingerir uma só gota d'água, e quando se trata de fugir da água, manifesta super-capacidades latentes, como simplesmente voar batendo os braços; Franjinha é um inventor infantil tão genial que é capaz de fazer uma máquina do tempo com peças encontradas em um ferro-velho; anjinho é nada mais nada menos do que um anjo da guarda propriamente dito (que, apesar de oficialmente não ter sexo, é um menino, e convive com outros anjinhos e “anjinhas”). Tais radicalizações, curiosamente, não são observadas nas histórias das outras turmas, praticamente todas bem mais realistas.

Assim, os integrantes da Turma da Mônica, apesar de ter declaradamente sete anos de idade, jamais foram retratados indo à escola (já devem, ou deveriam, estar na primeira série), mas sabem ler e escrever fluentemente, até mais do que sua idade normalmente demonstraria. Em diversas ocasiões, Maurício demonstrou que a turma poderia vir a ir à escola no futuro, mas tal atitude ainda não foi levada a cabo, o que poderia vir a prejudicar a continuidade das histórias, ou seja, ao término de cada uma delas, não mais todos sempre voltariam à estaca zero. Mas tal comentário não se sustenta, haja vista o fato de Chico Bento ir à escola normalmente. Com relação à narrativa cíclica, ou seja, o fato de que cada história deve terminar exatamente onde começou e/ou ter um final que indique claramente que não houve mudanças no *status quo*, tal característica típica dos seriados norte-americanos tipo *sitcom*⁶ é ferrenhamente observada, e somente se relativiza com a introdução de novos personagens (tão rara que vira notícia na imprensa), mas ainda assim não atrapalha muito, uma vez que somente alguns aparecem por história, de forma que se pode repetir as anteriores; Houve ainda duas reformulações no visual de personagens, mas ambas foram no começo, ainda nos anos 1970, e as histórias antigas não são mais republicadas em revistas de linha.

As narrativas dos personagens de Maurício de Souza são fortemente galgadas do politicamente correto. Assim, seus personagens estão constantemente se esforçando para preservar a natureza, lutando contra aqueles que prejudicam a fauna e a flora, além

⁶ *Situation Comedy*, ou seja, comédia de situação. Seriados humorísticos chamados de “enlatados” por seus detratores. Geralmente de 30 minutos de duração por episódio, são comédias predominantemente inconseqüentes e acrílicas. Famosos exemplos foram *Friends* e *Seinfeld* além de, mais historicamente, *I love Lucy*, com a atriz Lucy Ball.



de poluidores da natureza e pessoas “más” de uma forma geral, no sentido dicotômico-maniqueísta. Não há vilões fixos nas histórias, com raríssimas exceções de personagens que muito pouco aparecem, como o Capitão Feio, um poluidor superpoderoso. Mas mesmo estes não são realmente “malignos”. Suas atitudes são moderadas e leves. Ao invés, os “conflitos” das histórias são mais centrados entre os próprios personagens e seus comportamentos básicos, uma vez que não há, aqui, espaço para características de personalidades mais aprofundadas.

5. PRINCIPAIS PERSONAGENS DOS GIBIS DE CHICO BENTO

Além do óbvio fato de Chico viver no campo, o que já o diferencia dos outros integrantes dos Cinco Grandes, trata-se do único personagem de Maurício que vai à escola, como já citado, o que é fonte de conflito em diversas histórias. Tem a mesma altura aparente dos outros quatro, o que, dado o fato de que também os personagens adultos têm alturas semelhantes, nos leva a crer que tem a mesma idade dos membros suburbanos da Turma da Mônica. Estes, declaradamente têm, em sua maioria, sete anos. O fato de aparecerem freqüentes festas de aniversário não muda esta situação. Tal característica faz com que o personagem, criado na tradição do caipira estereotipado que no Brasil vem desde o primeiro quadrinhista, Ângelo Agostini⁷, em 1869, fuja ligeiramente do estereótipo, uma vez que o “caipira” é, nesta visão, um ignorante. Mas uma análise minimamente cuidadosa demonstra que, de volta ao citado clichê, nas histórias observadas, a escola de Chico nada mais é do que uma fonte de conflitos com seu desinteresse e aparente incapacidade de estudar.

Sobre as “turmas”

Há grande quantidade de personagens diferentes nos Estúdios Maurício de Souza (EMS), e seria demasiado detalhado descrevê-los a todos neste momento. Deter-nos-emos, portanto, na descrição mais atenciosa daquelas turmas que têm histórias nos gibis de Chico Bento. Ainda: para efeito deste trabalho, nos interessa sobremaneira a observação dos personagens diretamente relacionados a Chico Bento, ou seja, da turma do mesmo, até mesmo porque esta é, obviamente, a mais presente em seus gibis; razão pela qual nos demoraremos mais na descrição das características e atitudes desses, em

⁷ AGOSTINI, Ângelo. *As aventuras de Nhô Quim & Zé Caipora*: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883. Pesquisa, organização e introdução de Athos Eichler Cardoso. Brasília: Senado Federal, 2002.



seguida, conforme pôde ser avaliado a partir da observação das primeiras e últimas histórias dos seis exemplares analisados, conforme já descrito.

Somente cinco personagens de Maurício de Souza, os Cinco Grandes, possuem revistas mensais e mais os almanaques, e pertencem a duas “turmas” distintas, sendo quatro deles à Turma da Mônica propriamente dita, aquela que mora no “Bairro do Limoeiro”. Os gibis são *Mônica*, *Cebolinha*, *Cascão*, *Magali* e, claro, *Chico Bento*.

Os personagens dos EMS são divididos em grupos, cada um responsável por um determinado *todo* ficcional, dentro de cada um dos quais, por sua vez, ocorrem as histórias. Em sua maioria, esses *todos* – ou, como são denominados, “turmas” – estão, no entanto, localizados no mesmo universo, o que pode ser evidenciado pelo fato de se encontrarem, eventualmente. Assim, há histórias, embora incomuns, nas quais integrantes da turma (explicamos cada uma das mesmas abaixo) do Chico Bento, por exemplo, se encontra com as da Mônica, ou a do Papa-Capim.

Esses encontros, no entanto, são mais raros do que aparentemente poderiam ser, porque há várias regras lógicas de funcionamento de cada um dos universos ficcionais que, em histórias com personagens de mais de uma turma, ficam comprometidas. Assim, nas histórias das três turmas mencionadas no parágrafo anterior, que são as mais realistas – se é que podemos dizer desta forma – os seres humanos de uma forma geral somente conversam entre si, e ouvem os animais produzirem seus sons característicos, como o latido, ganido ou cacarejo. Já os animais conversam entre si, e não há uma língua específica para cada espécie, ou seja, não existe problema algum com o fato de um cavalo conversar com uma tartaruga. Ademais, eles normalmente entendem o que diz o ser humano. Já as histórias da Turma da Mata, menos populares, são estreladas por animais antropomorfizados (a maioria veste roupas, por exemplo), que se comportam como seres humanos, tendo “conflitos” e “dramas” típicos da vivência do homem, inclusive com intrigas políticas e busca pelo poder. Tais personagens não poderiam conviver com os das turmas anteriormente citadas, pois são totalmente diferentes dos animais daquelas. Assim, há turmas cujo encontro é evitado ao máximo, e portanto os roteiristas dos EMS geralmente não recebem autorização para fazerem tais cruzamentos que, no jargão dos quadrinhos, são denominados no original em inglês: *crossovers*.

Uma história que aparentemente não tem incongruências, por exemplo, seria um encontro entre as turmas de Papa Capim e Chico Bento, como o que ocorreu na última história do almanaque de agosto de 2004. Mas a aparência engana: nesta história, Papa



age como se não conhecesse o homem branco (“Carafbas”) e não fosse capaz de falar sua língua, o que faz com frequência nas histórias regulares.

Focalizemos os dois núcleos de histórias ocorrendo no passado: as Turmas do Horácio e do Piteco. Apesar de se passarem, ambas, na pré-história, não são compatíveis entre si, senão vejamos: Piteco é um ancestral indefinido do ser humano, talvez já um homo sapiens, que convive perfeitamente com (e se alimenta predominantemente de) dinossauros, o que é uma inconsistência histórica, pois as duas espécies tiveram 65 milhões de anos de distância entre si. Por outro lado, convive ainda com neandertais, o que provavelmente ocorreu entre os hominídeos reais. Horácio é um filhote de tiranossauro rex que vive em um período (supostamente jurássico), embora estilizado, razoavelmente fiel à realidade. Suas histórias são mais introspectas, intimistas e autorais, não buscando o humor, e sempre feitas por Maurício de Souza em pessoa, que vê o personagem triste como uma expressão de si mesmo e sua infância. O cerne da questão entre estes dois universos é o fato de serem incongruentes, mesmo conflitantes, entre si, de forma que não podem conviver na mesma história. Com efeito, para evitar conflitos de compreensão, geralmente sequer são publicados na mesma revista: Piteco sempre sai em *Chico Bento*, enquanto Horácio tem participações somente ocasionais em seus almanaques, além de em outras revistas.

Uma exceção interessante é dada para um personagem que figura em dois núcleos distintos. Trata-se do cãozinho Bidu, o primeiro de Maurício, então em tiras de jornal. Atualmente, ele é tanto um personagem menor das histórias da turma, onde eventualmente aparece como animal de estimação do menino Franjinha, quanto protagonista de um núcleo independente; neste, é um famoso *ator* de histórias em quadrinhos (sim, é isso mesmo), que tem ajudantes, camarim, técnicos, diretor, etc, tudo para lhe proporcionar as melhores condições de desenrolar seu papel dramático nas páginas das revistas. Seus principais coadjuvantes são Manfredo, o *contra-regra*, o penetra *Bugu*, que tenta galgar seus 15 minutos de fama, e a Dona Pedra, melhor amiga do protagonista, que é exatamente o que o nome diz.



Capa do primeiro número,
lançado em 26/08/1982

Turma do Chico Bento:



Principais personagens: estes são os mais recorrentes e, ainda que não sejam os titulares da revista ou de seu núcleo-turma, eventualmente protagonizam histórias:

- **Chico Bento.** Foi criado em 1961, baseado em um tio-avô de Maurício, sobre o qual, na infância, ouvia sua avó contar muitas histórias. Possui revista própria desde 1982. É um caipira do interior do Brasil – não fica claro de que Estado. Mora com os pais em uma pequena casa de sítio onde seus pais praticam agricultura de subsistência e criam poucos animais, que têm até nome (de personagens fixos, nunca são comidos). Anda descalço o tempo quase todo, mesmo para trabalhar, ir à escola ou quando está frio, mas por vezes usa suas botinas para um encontro com Rosinha ou quando vai à cidade visitar um de seus primos. Está sempre de calças quadriculadas e chapéu de palha esganiçado. Contrariamente aos costumes do interior, é filho único, assim como todos as outras crianças de sua turma, junto das quais estuda na mesma classe: seu primo Zé Lelé, Rosinha, Zé da Roça e Hiro, entre os mais recorrentes. Apesar de ser mau aluno e não se interessar pelos estudos, tirando recorrentes notas zero, nunca foi mostrado repetindo de ano ou sofrendo quaisquer conseqüências relacionadas. Não se menciona em que ano da escola está, mas sabe ler, escrever e fazer contas. Como os demais de sua convivência, tem o mesmo tamanho das crianças apresentadas na Turma da Mônica, cujos membros têm, declaradamente, sete anos de idade. Apesar de, junto ao pai, trabalhar duro na roça diariamente, é tido como preguiçoso. Seus passatempos favoritos são cuidar dos animais da fazenda, nadar nu no ribeirão, dormir na rede, roubar goiabas do Nhô Lau, escutar as histórias de sua Vó Dita e namorar. Não tem antagonistas fortes recorrentes, com exceção da raposa que, eventualmente, aparece para tentar pegar uma das galinhas, e dos eventuais caçadores e lenhadores, que tem de enfrentar a brava militância prática de Chico em favor da defesa da fauna e da flora. Excetuando-se estas ocasiões, há somente alguns poucos conflitos, normalmente ideológicos ou de costumes, que rapidamente são resolvidos. Os problemas de Chico são mais humanos do que os dos demais dos Grandes Cinco.

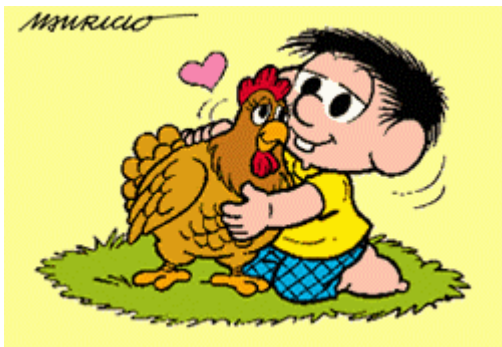


O tema de proteção à natureza é recorrente nas histórias do personagem



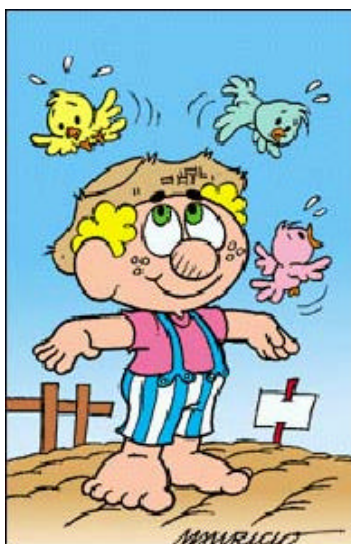
- **Rosinha.** Par romântico de Chico Bento, que por sinal é o único personagem – dentre os Cinco Grandes – a namorar fixamente; isso se dá de forma platônica e extremamente inocente, com basicamente olhares e mão-dada (embora, de forma inocente, não tenha qualquer problema em nadar com ele e a turma no riacho, geralmente todos nus, por vezes ela somente de calcinha) e, muito raramente, um beijo tipo “selinho”. Rosinha está sempre entre as melhores na sala de aula. Às vezes se exaspera com a falta de desejo de ascensão social e perspectiva geral de seu namoradinho para com o futuro. Não foge dos estereótipos de “mocinha” que não é muito mais do que um degrau para o protagonista, no sentido em que é sonhadora, romântica, teimosa e ciumenta.

- **Os animais do sítio.** Como já citado, Chico tem uma relação emocional com seus animais, todos os quais têm nome. Giserda



(sic), a galinha, está entre os que mais aparecem nas histórias, por vezes sendo salva da raposa por seu dono. Além dela, há o porquinho Torresmo, a vaca Malhada, o bode Barnabé, a família de cavalos Teobardo (sic), Ferdinanda e o potrinho Eurípedes, entre outros. São todos

personagens que aparecem nas histórias já há muitos anos, de forma que, mesmo havendo vários cujas espécies na realidade só são criados para alimentação, como o porco de nome irônico, nunca vão para a panela.



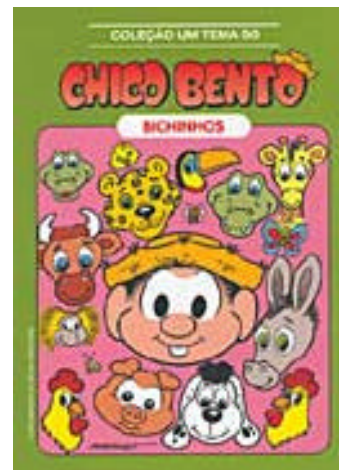
Zé Lelé, primo de Chico Bento,
é coadjuvante “sidekick”
responsável por alívios cômicos

- **Zé Lelé.** O primo de Chico anda praticamente sempre descalço, mesmo em muitas situações em que o próprio Chico está calçado. Usa um chapéu idêntico ao do primo, e é um pouco mais caricato do que esse, o que se explica por sua função na história, que é a de alívio cômico (*comic relief*), mesmo quando o enredo é mais dramático. Trata-se do idiota da história (ver item



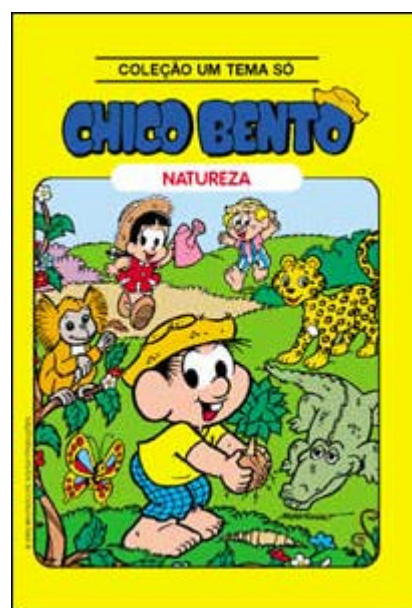
específico), e é *sidekick* de Chico, ou seja, o companheiro prioritário do protagonista (Robin é o *sidekick* de Batman, por exemplo).

- **Outros coadjuvantes relevantes.** Em termos de frequência, há ainda alguns personagens das histórias da Turma do Chico Bento que merecem citação. Cada um dentre eles tem um ou mais *plots* específicos de motivação para conflitos que levem a histórias consistentes, mas mais rasos, meros fios condutores, limitados a poucos traços de personalidade. Assim: Zé da Roça é o pequeno caipira mais vaidoso, cuja aparência é mais cultivada, fazendo um pouco mais de sucesso com as meninas; Hiro é um mestiço com oriental, bom aluno (seguindo o estereótipo de sua raça), ex-morador de uma



Os animais são personagens importantes e recorrentes

cidade maior, mas cuja mudança para a roça supostamente foi há muito tempo, pois o mesmo já está adaptado, embora não completamente identificado ao cenário (além de pela etnia, é o único a usar roupas mais “urbanas”: uma camiseta pólo branca e boné); a paciente, porém rígida, Professora Dona Marocas vive tentando endireitar Chico e seus estudos; o Padre Lino é força disciplinadora e moral; Vó Dita, inspirada na própria avó de Maurício, a que lhe contava histórias frequentemente e o inspirou a criar o personagem; os pais de Chico, trabalhadores, carinhosos e educados; os pais de Zé Lelé, que são tios de Chico e compadres dos pais desse (não se revela entre quais deles há o parentesco sanguíneo); Nhô Lau, orgulhoso e vigilante dono da goiabeira freqüentemente assaltada pelos garotos da turma e às vezes por alguns adultos também; os pais de Rosinha, especialmente o pai, que não aprova o namoro; Primo Sem Nome (ironicamente chamado assim, com letras maiúsculas, pelos fãs, já que seu nome não é revelado), que vive na Cidade Grande ou Capital (*idem, idem*) e cuja mãe,



O tema de proteção à natureza é recorrente nas histórias do personagem



incongruente, muda completamente de face entre uma história e outra (seu pai nunca foi mostrado).

Demais personagens são somente de figuração.

6. CHICO BENTO E A REALIDADE

Levando em consideração a característica observada de que Chico Bento é um personagem estereotipado, assim feito para possibilitar, como já mencionado, tramas maniqueístas, nos deparamos ante a difícil missão de nos questionarmos se ainda existem, ou alguma vez existiram Chiccos Bentos?

Em termos de estrutura física, sim. Não só na história recente do Brasil, mas ainda na atualidade, há casas e realidades similares à sua. Na casa de Chico não há luz elétrica, embora em mais de uma ocasião seja citado que a estão instalando em outros pontos da localidade onde vivem. Também não há saneamento básico. As necessidades fisiológicas da família são feitas em uma fossa séptica externa à residência, uma das famosas “casinhas”. Situação, infelizmente, até o presente momento corrente para famílias em todo o território brasileiro, e não somente em locais afastados dos grandes centros urbanos, como se poderia pensar.

A incoerência, aqui, está no fato de que se ignora, nas HQ citadas, a mundialização cultural (a Aldeia Global, de McLuhan), que torna impossível para um personagem, como ocorre nas histórias analisadas, desconhecer o que é um *discman* ou um telefone celular. Tais decisões, certamente tomadas para não descaracterizar o estereótipo, comprometem – embora em pequena medida – a credibilidade do mesmo quando aplicado a um personagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANAQUE DO CHICO BENTO n°58. São Paulo: Globo/Maurício de Souza, agosto de 2000.

_____ n°82. São Paulo: Globo/Maurício de Souza, agosto de 2004.

ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em Quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

AGOSTINI, Ângelo. **As aventuras de Nhô Quim & Zé Caipora**: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883. Pesquisa, organização e introdução de Athos Eichler Cardoso. Brasília: Senado Federal, 2002.



- BENJAMIM NATAL, Chris. **Graphic novels**: literatura visual. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. P.05-28.
- CAGNIN, Antônio Luiz. Yellow Kid, O moleque que-não-era-amarelo (pondo os pontos nos ii). In CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara (org). **As Histórias em Quadrinhos no Brasil**: teoria e prática. Guarulhos: INTERCOM / Gráfica e Editora Parma, 1997. p.19-27.
- CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara (org). **As Histórias em Quadrinhos no Brasil**: teoria e prática. Guarulhos: INTERCOM / Gráfica e Editora Parma, 1997.
- CHICO BENTO** n° 430. São Paulo: Globo/Maurício de Souza, novembro de 2003.
- _____ n° 438. São Paulo: Globo/Maurício de Souza, julho de 2004.
- _____ n° 445. São Paulo: Globo/Maurício de Souza, fevereiro de 2005.
- _____ n° 445. São Paulo: Globo/Maurício de Souza, março de 2005.
- CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COUPERIE, Pierre et al. **Histórias em quadrinhos & comunicação de massa**. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, MASP, 1970.
- IANNONE, Leila Rentrola & Roberto Antônio. **O mundo das Histórias em Quadrinhos**. 2ª edição. São Paulo: Moderna, 1994.
- MOYA, Álvaro de. **História da História em Quadrinhos**. 3ª ed. ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____ (org). **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1970.
- LUYTEN, Sônia M. Bibe (org). **Histórias em quadrinhos – leitura crítica**. São Paulo: Paulinas (2ª ed), 1985.
- _____. **Mangá – o poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2000.
- MEDEIROS, Yara (coord.). A Turma da Mônica na onda da Educação Ambiental. In: **Aguapé – Educação Ambiental para o Pantanal**. Campo Grande, março de 2004. Disponível em <http://www.redeaguape.org.br/desc_noticia_rev.php?cod=273>. Acesso em 20 de março de 2005.
- MOYA, Álvaro de. **Vapt-Vupt**. São Paulo: Clemente & Gramani, 2003.
- RAMONE, Marcus. Esses adoráveis idiotas... In: GUZMAN, Sidney (editor-chefe). **Universo HQ**. São Paulo, 06 de maio de 2004. Disponível em <http://www.universohq.com/quadrinhos/2004/idiotas_nas_hqs.cfm>. Acesso em 20 de março de 2005.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. Em instantes - notas sobre a programação na TV brasileira. São Paulo: Faculdades Salesianas / Cabral Editora Universitária, 1997.



- SANTOS, Roberto Elísio dos. **Para reler os quadrinhos Disney**: linguagem, evolução e análise de HQs. São Paulo: Paulinas (Coleção Comunicar), 2002.
- SOUZA, Maurício de. **Histórico**. In: Portal Turma da Mônica. São Paulo, 1996-1. Disponível em <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em 20 de março de 2005.
- _____. **Personagens – Turma do Chico Bento**. In: Portal Turma da Mônica. São Paulo, 1996-2. Disponível em <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em 20 de março de 2005.
- _____. **Personagens – Turma do Papa Capim**. In: Portal Turma da Mônica. São Paulo, 1996-3. Disponível em <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em 20 de março de 2005.
- _____. **Personagens – Turma do Piteco**. In: Portal Turma da Mônica. São Paulo, 1996-4. Disponível em <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em 20 de março de 2005.
- VERGUEIRO, Waldomiro. Prefácio. In: SANTOS, Roberto Elísio dos. **Para reler os quadrinhos Disney**: linguagem, evolução e análise de HQs. São Paulo: Paulinas (Coleção Comunicar), 2002.